

# **Adaptação, Desenvolvimento e Sucesso Académico dos Estudantes do Ensino Superior: INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO**

**Leandro S. Almeida, Mário R. Simões,  
& Miguel M. Gonçalves  
(Coords.)**

# FICHA TÉCNICA

## TÍTULO

Adaptação, Desenvolvimento e Sucesso Académico dos Estudantes do Ensino Superior: Instrumentos de avaliação

## COORDENADORES

Leandro S. Almeida  
Mário R. Simões  
Miguel M. Gonçalves

## REVISÃO DOS TEXTOS

Ana Filipa Alves

## COMPOSIÇÃO

Joana R. Casanova

## COLEÇÃO

Psicologia & Educação, nº4

## EDIÇÃO

Associação para o Desenvolvimento a Investigação em Psicologia da Educação

© ADIPSIEDUC, 2017

Apartado 1023  
4710-299 Braga

[www.adipsieduc.pt](http://www.adipsieduc.pt)

## ISBN

978-989-99517-1-6

## DATA DE EDIÇÃO

maio de 2017

# 7

## INVENTÁRIO DE PERSPETIVA TEMPORAL DE ZIMBARDO (IPTZ)

Victor E.C. Ortuño<sup>1,2</sup>, Isabel Nunes Janeiro<sup>3</sup>, Pedro Cordeiro<sup>2</sup>, Maria Paula Paixão<sup>2</sup>, & Vítor Gamboa<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Facultad de Psicología de la Universidad de la República, Uruguay, <sup>2</sup>Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, <sup>3</sup>Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, <sup>4</sup>Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve

### 1. Indicações

O Inventário de Perspetiva Temporal de Zimbardo constitui a versão portuguesa (Ortuño & Gamboa, 2009) do Zimbardo Time Perspective Inventory – ZTPI desenvolvido por Zimbardo e Boyd (1999).

A Perspetiva Temporal encontra-se relacionada com conceções do tempo baseadas numa composição de três categorias ou momentos temporais: o passado, o presente e o futuro. A capacidade subjetiva para nos centrarmos em alguma destas três “categorias temporais” é denominada por Perspetiva Temporal (Boniwell & Zimbardo, 2004). Ainda que é relevante considerar que este conceito não se limita apenas ao aspeto cognitivo da temporalidade, já que também abarca aspetos afetivos da mesma (Apostolidis & Fieulaine, 2004).

No estudo apresentado por Ortuño e Gamboa (2009), os procedimentos de análise fatorial exploratória ofereceram uma estrutura em cinco fatores tal como na versão original. Estes cinco fatores representam os três grandes marcos temporais, previamente mencionados. Para além deste aspeto, o ZTPI Português é composto por 56 itens (Likert de 5 pontos) que representam as seguintes dimensões temporais: i) passado positivo, relacionado com atitudes agradáveis e sentimentais relativamente ao passado, ii) passado

negativo, que representa uma atitude de aversão e angústia perante o passado, normalmente relacionado com sentimentos de ansiedade, raiva e depressão, iii) presente hedonista, traduz uma vincada tendência para a procura do prazer imediato, principalmente através de experiências excitantes e de alto risco, iv) presente fatalista, demonstra uma atitude de derrota, desamparo e desesperança perante a vida e v) futuro, o qual indica uma forte tendência para a necessidade de criar e prosseguir objetivos futuros.

A nível internacional o ZTPI tem sido utilizado em diferentes grupos etários. Já no âmbito nacional, tem sido utilizado principalmente no contexto universitário com amostras de jovens adultos (18-26 anos de idade).

## 2. História

O tempo é um conceito que tem simultaneamente intimidado e fascinado os seres humanos desde épocas longínquas, já que parece ter um enorme potencial para estruturar toda a experiência humana (Kant, 1781/1997). A humanidade tem tentado perceber, capturar e recriar o tempo, assim como a sua própria influência no nosso dia-a-dia, através das artes e da ciência. Consequentemente, podemos afirmar que "O tempo é um dos clássicos conceitos cujo estudo detém ainda uma pertinência atemporal" (Dias, 2009, p. 42). O tempo ou, mais especificamente, a particular capacidade dos seres humanos de pensar acerca do futuro é considerada como um catalisador para o êxito da nossa espécie (Husman & Shell, 2008), pelo que pode ser entendida como uma importante vantagem evolutiva perante as outras espécies que habitam o nosso planeta.

Atendendo a sua complexidade, o tempo pode ser explorado através de um ponto de vista filosófico, fisiológico, físico ou psicológico (Dubois, 1954). No caso particular da psicologia, o interesse pela temática do tempo é tão antiga quanto a disciplina *per se*, tendo começado com os trabalhos do pai da psicologia moderna, Wilhelm Wundt, o qual desenvolveu estudos acerca da percepção temporal de vários estímulos (Jesuino, 2002).

Desde então que em Psicologia o tempo tem vindo a ser estudado das mais diversas formas. No caso específico da temporalidade subjetiva, são inúmeros os conceitos e os métodos de estudo propostos. Na atualidade, dentro deste conjunto de conceitos destaca-se, tanto pela quantidade como pela relevância das investigações desenvolvidas, o conceito de Perspetiva Temporal – PT.

A PT é apresentada pela primeira vez por Frank (1939, cit. in Lewin, 1942), mas seria só depois com os trabalhos de Kurt Lewin que este conceito conseguiria atingir um grande impacto na comunidade científica (Nuttin & Lens, 1985), sendo definida inicialmente como "*the totality of the individual's views of his psychological future and psychological past existing at a given time*" (Lewin, 1965, p. 75). Este paradigma baseia-se na premissa que tanto o passado como o futuro são centrais nas cognições e comportamentos presentes já que ambos se encontram ativos no mesmo momento presente. Este paradigma encontra-se na base de modelos mais recentes como o de Nuttin e Lens (1985) ou, mais recentemente, no proposto por Zimbardo e Boyd (1999).

### 3. Fundamentação teórica

A proposta de Zimbardo e Boyd (1999) assenta numa abordagem integrativa e multidimensional da temporalidade ao incluir tanto o passado, como o presente e o futuro no objeto de análise e intervenção. Estes autores definem a PT como *"the often non conscious process whereby the continual flows of personal and social experiences are assigned to temporal categories, or time frames, that help to give order, coherence, and meaning to those events"* (p. 1271).

Neste modelo a PT representa um processo cognitivo-motivacional que permite a codificação, armazenamento e recuperação dos objetos motivacionais que o indivíduo possua. Os quais decorrem num contínuo temporal que permite dar ordem, sentido e coerência à experiência de vida individual e inclui os objetos motivacionais tanto do foro pessoal como social (Zimbardo & Boyd, 1999).

Assim a PT possui profundas implicações tanto a nível cognitivo, comportamental e afetivo, não se encontrando limitado apenas ao nível individual, mas também ao nível dos grupos e sociedades que estes mesmos indivíduos integram. Zimbardo e Boyd (2008) referem que quando um elevado número de pessoas apresenta um funcionamento temporal similar, estamos perante um perfil temporal grupal, o qual pode transcender até o nível de um país. Sendo que este aspeto societal da PT, o qual se encontra fortemente relacionado com a cultura de um determinado grupo, é uma das grandes inovações comparativamente com modelos teóricos prévios.

Ao longo dos últimos tempos têm sido encontradas relações entre a Perspetiva Temporal e um importante conjunto de cognições e comportamentos que, segundo Boniwell e Zimbardo (2004) abarcam aspetos tão diversos como: a delinquência, realização a nível educacional, saúde, padrão do sono e a escolha de um parceiro romântico. Pela sua parte, Ferrari e Diaz-Morales (2007) apresentam resultados que comprovam como determinados perfis temporais estão associados com diferentes tipos de procrastinação. Zimbardo, Keough e Boyd (1997) relatam que a Perspetiva Temporal de presente é um importante preditor da condução de risco. Numa investigação no contexto educativo, Peetsma (2000) demonstrou que existe uma correlação positiva entre uma perspetiva temporal de futuro e o investimento feito por crianças e adolescentes na escola. Apostolidis, Fieulaine, Simonin e Rolland (2006) referem que existe uma ligação entre perspetiva temporal e consumo de substâncias, comportamentos de risco e as perceções acerca das consequências desses mesmos consumos. Por último, Keough, Zimbardo e Boyd (1999) discutem como a Perspetiva Temporal de presente se encontra associada com elevados padrões de consumo de álcool, drogas e tabaco. Assim, é possível observar como determinadas dimensões (tendencialmente o futuro) estão associadas com cognições e comportamentos considerados como adaptativos para o indivíduo. Por outro lado, as dimensões negativas da temporalidade (como o são o passado negativo e o presente fatalista) aparecem associadas com dimensões desestruturantes do funcionamento psicológico.

#### 4. Estudos realizados em Portugal

O trabalho de tradução e adaptação do ZTPI à língua e cultura Portuguesa foi iniciado no ano de 2007 na Universidade do Algarve; processo que se encontra descrito por Ortuño e Gamboa (2009). Os autores encontraram uma estrutura fatorial em tudo similar à apresentada por Zimbardo e Boyd (1999), assim como noutras adaptações internacionais (na Tabela 1 são apresentados alguns dos principais indicadores estruturais e de precisão do ZTPI Português e o dos seus homólogos internacionais), facto também evidenciado no estudo multicultural apresentado por Sircova et al. (2014), no qual são apresentados dados de 24 países e onde é possível constatar comparativamente a validade estrutural da versão portuguesa do ZTPI. Desde a sua adaptação à língua e cultura portuguesa, o ZTPI tem sido utilizado em estudos de cariz bastante diverso e principalmente com estudantes universitários.

**Tabela 1** | Variâncias, Alfas de Cronbach e Médias do ZTPI em Várias das suas Versões Internacionais

	ZTPI Portugal <sup>a</sup> (n= 277)	ZTPI original <sup>b</sup> (n= 606)	ZTPI França <sup>c</sup> (n= 419)	ZTPI Espanha <sup>d</sup> (n= 756)
Variância Total	35.25%	36%	32.75%	33.82%
Variância Presente Hedonista	8.37% (3.52)	8.9% (3.44)	10.5% (3.32)	7.74% (3.05)
Variância Passado Negativo	7.85% (2.67)	12.3% (2.98)	8.05% (3.07)	11.22% (2.64)
Variância Futuro	6.57% (3.59)	6.3% (3.47)	6.07% (3.18)	6.49% (3.56)
Variância Presente Fatalista	6.42% (2.46)	3.9% (2.37)	3.7% (2.41)	3.98% (2.75)
Variância Passado Positivo	6.02% (3.62)	4.5% (3.71)	4.4% (3.45)	4.36% (3.29)
$\alpha$ Presente Hedonista	.79	.79	.79	.79
$\alpha$ Passado Negativo	.80	.82	.72	.80
$\alpha$ Presente Fatalista	.66	.74	.70	.64
$\alpha$ Futuro	.74	.77	.74	.70
$\alpha$ Passado Positivo	.68	.80	.70	.70

*Nota.* <sup>a</sup>Ortuño & Gamboa, 2009. <sup>b</sup>Zimbardo & Boyd, 1999. <sup>c</sup>Apostolidis & Fieulaine, 2004. <sup>d</sup>Diaz-Morales, 2006. No campo da variância é colocado entre parênteses o valor médio dessa dimensão.

Ortuño e Vasquez (2013) apresentaram um modelo preditivo recorrendo à modelação de equações estruturais, no qual é demonstrado o efeito negativo que algumas das dimensões da temporalidade que são consideradas como negativas (passado negativo e futuro negativo) têm na autoestima de estudantes universitários Portugueses.

De maneira similar, conceitos como a satisfação com a vida, o bem-estar psicológico, a qualidade das relações interpessoais e o equilíbrio emocional são explicados por uma combinação única de dimensões negativas da temporalidade (Ortuño et al., 2013b). No caso da satisfação com a vida as variáveis temporais com poder explicativo são o Passado Negativo e o Futuro Negativo. No caso do bem-estar psicológico, é o Passado

Negativo a variável de maior importância. O bem-estar psicológico é explicado pela combinação do Passado Negativo, o Presente Fatalista e o Futuro Negativo e o equilíbrio emocional apenas pelo Futuro Negativo. Sendo o contributo deste estudo de particular importância, já que denota a influência das dimensões temporais negativas em variáveis associadas com um correto funcionamento psicológico.

No caso do desempenho académico, Ortuño, Paixão e Janeiro (2013a) constataram que os estudantes universitários mais orientados para o futuro são aqueles que apresentam melhores resultados académicos. Inversamente, os estudantes com uma orientação mais forte para o passado negativo, assim como para o presente fatalista, são aqueles com um pior desempenho académico (medido através da média de curso e do número de cadeiras reprovadas).

No âmbito desenvolvimental, Ortuño, Paixão e Janeiro (2011) analisaram qual a evolução da PT ao longo do percurso académico de estudantes de licenciatura e verificaram que comparativamente entre o primeiro e o terceiro ano de licenciatura, os alunos deste último grupo apresentaram valores mais elevados na perspetiva temporal de futuro. Mas por outro lado, apresentaram valores mais baixos nas temporalidades tidas como negativas para um ajustado funcionamento psicológico (passado negativo, presente fatalista). Estes resultados permitem colocar em evidência o carácter adaptativo e evolutivo da PT, ao longo do percurso académico dos estudantes universitários.

No aspeto psicométrico, o ZTPI também tem sido empregue em estudos comparativos com outras medidas de Perspetiva Temporal já existentes no contexto nacional. É o caso do Inventário de Perspetiva Temporal – IPT (Janeiro, 2012), o qual foi analisado em conjunto com o ZTPI por Ortuño e Janeiro (2009, 2010). Estes autores, embora tenham verificado que existe um alto nível de congruência estrutural entre ambos os inventários, fazem também referência às diferenças existentes, designadamente: i) às dimensões avaliadas, na estrutura do IPT é feita uma diferenciação entre uma componente positiva e uma negativa acerca do futuro enquanto o ZTPI não o faz. Com o ZTPI por sua vez, é possível fazer uma diferenciação ao nível da afetividade temporal mas em relação ao passado e ao presente, análise que não é possível com o IPT. E ii) em referência aos grupos etários, os autores referem o IPT como mais adequado para participantes mais jovens (adolescentes) e o ZTPI para participantes com idades mais avançadas (jovens adultos). Estes dois pontos são importantes em relação à possibilidade de complementaridade destes dois instrumentos; seja ao nível conceptual ou ao nível operativo, em relação aos grupos etários onde podem ser empregues.

Desta forma, considerando que o processo de validação do ZTPI já se encontra apresentado e descrito por Ortuño e Gamboa, em 2009, assim como alguns estudos experimentais que posteriormente recorreram ao mesmo instrumento, o presente capítulo serve tanto para aprofundar os fundamentos teóricos e estruturais do ZTPI, através duma revisão da literatura acerca do instrumento, assim como por outro lado utilizando a modelação de equações estruturais, testando desta forma a sua estrutura e

capacidade como variável preditora. O que permite deixar provas que justifiquem a sua validade enquanto instrumento de avaliação da Perspetiva Temporal.

A amostra é composta por 816 participantes; dos quais 708 (87.2%) são do género feminino e 104 (12.8%) do género masculino, os restantes quatro participantes não responderam à pergunta. As idades estão compreendidas entre os 17 e os 61 anos ( $M = 20.10$ ,  $DP = 4.97$ ). Os participantes são todos estudantes universitários em três instituições portuguesas: 629 (77.1%) são provenientes da Universidade de Coimbra, 80 (9.8%) da Universidade do Porto e 107 (13.1%) da Universidade de Lisboa. Desta amostra, 235 dos participantes responderam ainda à versão portuguesa do *Adult Hope Scale* – AHS (Pais-Ribeiro, Pedro, & Marques, 2006).

Em estudos anteriores (Ortuño & Gamboa, 2009) foi abordado o assunto da precisão do ZTPI através do cálculo do alfa de Cronbach das suas sub-escalas. Os resultados que os autores obtiveram foram válidos já que são muito similares aos apresentados por Zimbardo e Boyd (1999) na formulação original do ZTPI, assim como de versões de outros países (Tabela 1) e apresentam regra-geral valores acima de .70. De forma a complementar este conhecimento, é proposta uma análise psicométrica dos itens que compõem o modelo. Assim, ao verificar os dados da Figura 1, é possível constatar que a maiorias dos itens apresentam uma elevada confiabilidade, ao exibirem um valor de  $R^2 < .25$ .

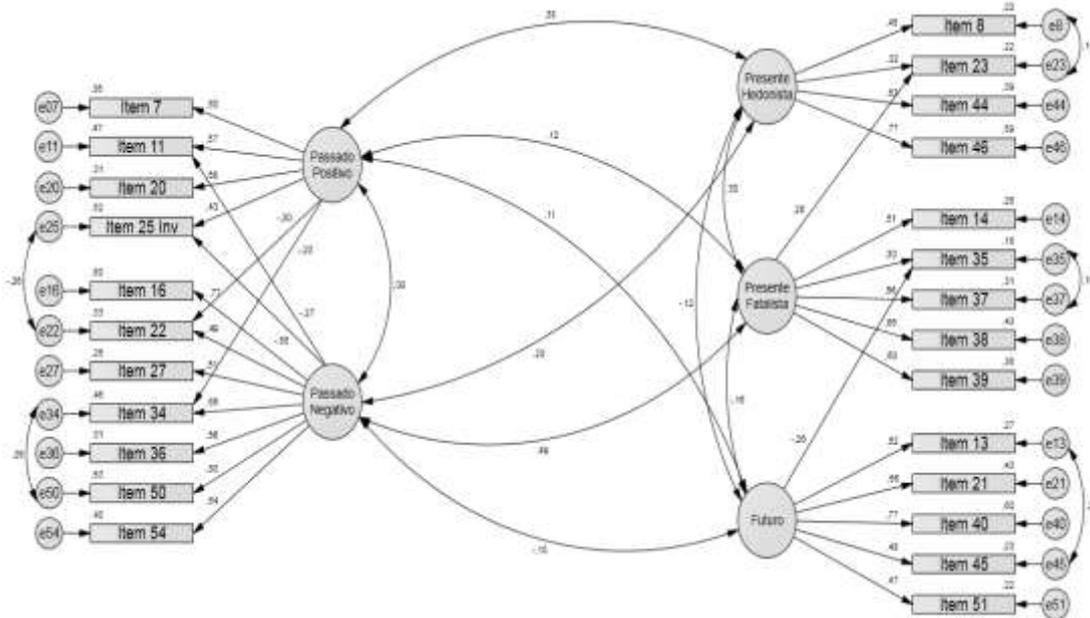
Em relação à validade de constructo do ZTPI, a sua estrutura fatorial já foi testada com uma metodologia exploratória (análise de componentes principais com rotação Varimax) por Ortuño e Gamboa (2009) que encontraram resultados em tudo similares ao ZTPI original (Tabela 1). De forma a testar mais aprofundadamente a estrutura fatorial do ZTPI foi desenvolvida uma AFC. Foram três os modelos testados: o Modelo 1 contém os 56 itens originais do ZTPI agrupados nas cinco dimensões originais; o Modelo 2 contém os mesmos 56 itens do ZTPI mas com os erros residuais de vários itens associados (sendo estas mesmas definidas em função de valores nos índices de modificação superiores a 11, conforme recomendação de Marôco, 2010) e por último, o Modelo 3 apresenta em análise uma versão reduzida deste instrumento, a qual contém 25 itens e as cinco dimensões do ZTPI. Na Tabela 2 encontram-se os dados dos índices de ajustamento de cada um destes modelos.

**Tabela 2** | Comparação dos Índices de Ajustamento dos Modelos Estruturais do ZTPI Testados

	$\chi^2$	Df	$\Delta\chi^2$	$\Delta df$	$\chi^2/df$	AIC	MECVI	CFI	PCFI	GFI	PGFI	RMSEA
Modelo 1	5675	1474	-	-	3.85	5919	7.48	.62	.59	.77	.71	.06
Modelo 2	4925.28	1462	749.72	12	3.37	5193.28	6.57	.69	.65	.80	.73	.06
Modelo 3	666.20	254	5008.8	1220	2.62	808.20	1.02	.92	.78	.94	.73	.05

Nota.  $\Delta\chi^2$  e  $\Delta df$  obtidos através da comparação com o Modelo 1.

Na Figura 1, é apresentado o diagrama estrutural das variáveis do Modelo 3, o qual, considerando os resultados obtidos, é o mais estável e o mais parcimonioso de todos os modelos testados. Considerando as recomendações de Marôco (2010) para estudos de AFC e tendo em conta estes resultados, é possível verificar que a carga fatorial ( $\beta$ ) da maioria dos itens em relação ao seu respetivo fator é aceitável, já que são muito próximos ou inclusive ultrapassam o valor de .50, sendo estes valores estatisticamente significativos a um nível de  $p < .05$ .

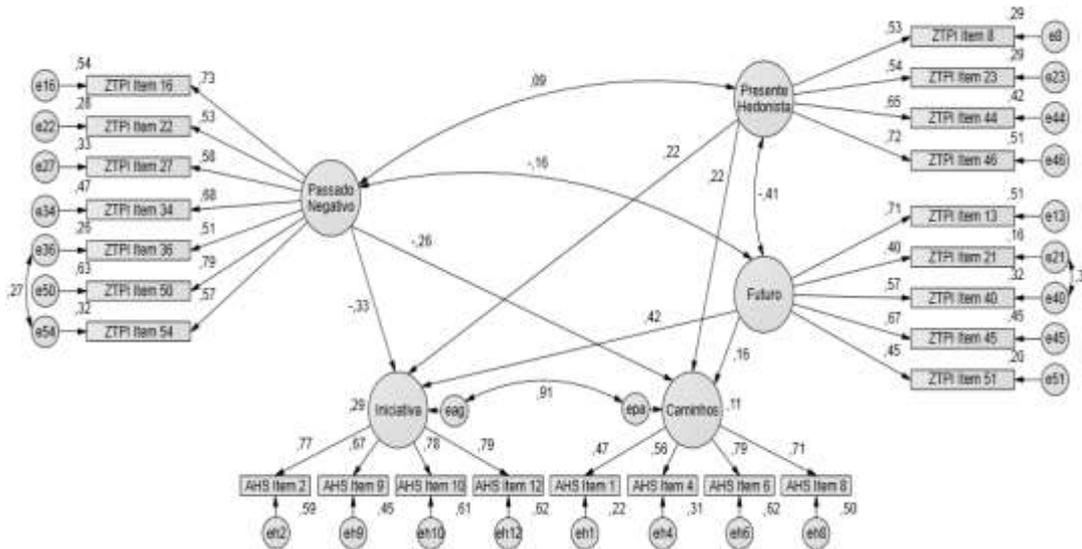


**Figura 1** | Diagrama do modelo estrutural da versão reduzida do Zimbardo Time Perspective Inventory – ZTPI

Em referência à validade preditiva, foi testado um modelo explicativo do conceito de esperança (*hope*), utilizando as cinco dimensões da PT como variáveis predictoras. É relevante considerar que o conceito de esperança, conforme a operacionalização de Snyder e colaboradores (1991), é um constructo formado por duas sub-dimensões: Agência (*Agency*), que remete para a crença nas capacidades individuais de ser capaz de concretizar os objetivos traçados. E Caminhos (*Pathways*) que indica a capacidade individual para desenvolver cognitivamente as estratégias ou passos necessários para atingir um determinado objetivo.

Como expectável, ao analisar estudos preditivos prévios como os de Ortuño e colaboradores (2013a) e Ortuño e Vásquez (2013), nem todas as dimensões do ZTPI apresentaram um valor preditivo estatisticamente significativo perante o conceito de esperança. O modelo com melhor ajustamento é constituído por três dimensões da PT: o Passado Negativo, o Presente Hedonista e o Futuro. Todas as trajetórias de natureza regressional, excetuando Futuro → Caminhos apresentaram como mínimo um valor de  $p < .05$ . Em termos do ajustamento global do modelo, este apresentou os seguintes valores:

$\chi^2/df = 1.58$ ; CFI = .921; PCFI = .801; GFI = .883; PGFI = .706; RMSEA = .05,  $p < .05$ . O diagrama das trajetórias deste modelo pode ser consultado em detalhe na Figura 2.



**Figura 2 |** Diagrama do modelo preditivo da esperança

As qualidades e potencialidades do ZTPI como instrumento de avaliação têm sido louvadas pela comunidade científica nos últimos anos (Sircova et al., 2014). Relativamente à sua estrutura fatorial, os resultados têm sido altamente consistentes entre diversas culturas, principalmente quando estudada através da Análise Fatorial Exploratória. Ainda assim, é importante referir que em estudos utilizando a AFC para estudar a estrutura do ZTPI, existe uma maior dificuldade em definir uma estrutura fatorial lógica, válida e estável, sendo que ao considerarmos os índices de ajustamento global dos modelos, os resultados apresentados pelos diversos autores variam desde aceitáveis (Anagnostopoulos & Griva, 2012; Apostolidis & Fieulaine, 2004; Cretu, 2012), mistos (Carelli, Wiberg, & Wiberg, 2011) até não satisfatórios (Liniauskaite & Kairys, 2009; Milfont, Andrade, Belo, & Pessoa, 2008).

Desta forma, foi revisada a estrutura fatorial do ZTPI Português com o recurso à AFC, o primeiro modelo (Modelo 1) a ser testado inclui os 56 itens da versão apresentada por Ortuño e Gamboa (2009), modelo com o qual não foi possível alcançar níveis de ajustamento aceitáveis. Motivo pelo qual foi testada uma segunda solução (Modelo 2), na qual são associados os resíduos de diversos itens (o critério utilizado foi um valor no índice de modificação superior a 11, tal como proposto por Marôco, 2010), neste caso tampouco foram alcançados os valores recomendados para este tipo de análise. Assim, foi testada uma terceira solução (Modelo 3), na qual foram removidos diversos itens tendo em conta o seu baixo contributo tanto em termos de ajustamento global do modelo assim como dos indicadores de precisão de cada item, sendo este modelo constituído por 25 itens. Com esta configuração e considerando as recomendações de Marôco (2010) para este tipo de

análise, foi possível encontrar índices de ajustamento do modelo aceitáveis em todos os índices analisados, com exceção do teste do qui-quadrado, já que o seu valor  $p$  é estatisticamente significativo – embora esta medida seja discutível devido a sua sensibilidade a amostras de grande número (Hooper, Coughlan, & Mullen, 2008). Todos os itens no modelo apresentaram bons resultados em relação à carga fatorial e fiabilidade.

Após as diversas considerações teóricas e empíricas acerca da estrutura do ZTPI, foram apresentadas informações acerca das capacidades preditivas do ZTPI perante um conceito cognitivo-afetivo relacionado com a temporalidade, como é o caso da esperança. O modelo obtido permitiu não só corroborar a capacidade preditiva do ZTPI, ao apresentar uma elevada quantidade da variância explicada em ambas as sub-dimensões do conceito de esperança (Iniciativa  $R^2 = .29$ ; Caminhos  $R^2 = .11$ ) como também demonstrar a importância que o estudo de todo o horizonte temporal detém na compreensão humana, ao apresentar dimensões relacionadas com o passado, o presente e o futuro a contribuir de forma estatisticamente significativa para o modelo.

### 5. Procedimentos de administração e cotação

A administração do ZTPI pode ser de forma escrita ou oral. Ainda assim, devido ao elevado número de itens e à própria natureza introspectiva destes, recomenda-se sempre que possível a administração por via escrita, a qual pode também ser individual ou coletiva. No próprio inventário estão contidas as instruções de preenchimento, o que não invalida que o investigador possa também referir o carácter individual, anónimo e voluntário da participação no teste.

Conforme verificado ao longo de diversas recolhas de dados com o inventário em contexto universitário, assim como o recurso a entrevistas com participantes, o tempo médio de resposta do ZTPI encontra-se entre 8 a 10 minutos. Tempos de resposta inferiores a cinco minutos estão associados regra geral a falta de envolvimento na tarefa por parte do participante e tempos superiores a 15 minutos podem estar relacionados com dificuldades de pensamento abstrato ao nível temporal.

A cotação do ZTPI é feita através do cálculo do valor médio de cada uma das dimensões, o que permite obter cinco pontuações que compõem o perfil temporal do participante. Previamente a efetuar o cálculo dos valores médios, é necessário inverter o valor de resposta em cinco itens (9, 24, 25, 41 e 56).

### 6. Interpretação dos resultados

As cinco pontuações obtidas através do ZTPI representam dimensões ou categorias temporais, as quais devem ser consideradas como constructos cognitivo-motivacionais independentes entre si, mas que dada a sua natureza comum relativa à temática da temporalidade podem estar relacionadas (Ortuño et al., 2013a). Através da análise destas

cinco dimensões é possível analisar o perfil temporal do indivíduo, o qual permite compreender o posicionamento cognitivo e emocional do participante perante cada uma das categorias temporais.

Quanto maior o valor obtido em cada uma destas dimensões, maior é a propensão do participante para apresentar um funcionamento cognitivo focado nessa determinada dimensão temporal. De acordo com Stolarski, Bitner e Zimbardo (2011) é recomendável apresentar um valor elevado (4.60) no passado positivo, moderadamente elevado no presente hedonista (3.90) e no futuro (4.00) e um valor baixo no passado negativo (1.95) e no presente fatalista (1.50).

Complementarmente, Stolarski et al. (2011) apresentam um novo referente para a análise dos resultados do ZTPI, o qual é baseado no conceito de perspectiva temporal equilibrada. Este consiste na habilidade de alterar o foco numa determinada dimensão temporal para outra, consoante as exigências do meio. A proposta apresentada como o Desvio da Perspectiva Temporal Equilibrada (DPTP, ou em inglês *Deviation from a Balanced Time Perspective – DBTP*) consiste numa equação que inclui o valor individual obtido em cada uma das cinco dimensões temporais originalmente propostas por Zimbardo e Boyd (1999), assim como também inclui o valor considerado ideal para cada uma dessas mesmas cinco dimensões.

Estes valores tidos como ideais para cada dimensão temporal provem duma proposta de Zimbardo e Boyd (2008), na qual afirmam que o perfil temporal individual mais adaptativo é formado por valores baixos no Passado Negativo e no Presente Fatalista, moderado no Presente Hedonista, moderadamente elevado no Futuro e elevados no Passado Positivo. Assim, através deste índice global da funcionalidade/disfuncionalidade do perfil temporal do participante, é possível calcular um valor que quanto mais próximo do valor de 0 representa um perfil temporal equilibrado, portanto mais funcional e adaptativo). Em quanto valores mais elevados representam um perfil temporal mais desequilibrado e disfuncional (Stolarski, Wiberg & Osin, 2015).

Na atualidade, no contexto Português não existem normas que possam ser consideradas como definitivas ao nível da interpretação dos resultados do ZTPI. De forma transitória, podem ser utilizados os valores médios obtidos em estudos prévios ao nível nacional. É importante considerar que os resultados obtidos nacionalmente não diferem em grande medida dos apresentados por outros estudos a nível internacional (Tabela 1). Também poderão ser consideradas as normas supramencionadas, propostas por Stolarski et al. (2011), tendo sempre em consideração que a definição dessas mesmas normas foi levada a cabo em outras culturas que não a Portuguesa.

## 7. Avaliação crítica

Considerando o papel central da temporalidade e em particular da perspectiva temporal nas cognições e comportamentos humanos, é importante poder dispor de um instrumento para a sua medição, que seja fácil de aplicar, cotar e interpretar,

características que estão todas reunidas no ZTPI e deixam em evidência o seu importante papel no âmbito da avaliação da Perspetiva Temporal.

Igualmente, o número de idiomas e a cada vez mais extensa literatura disponível acerca do ZTPI são a principal prova do contributo e da relevância deste instrumento. O facto de estar disponível em tão elevado número de idiomas constitui uma mais-valia ao nível da realização de estudos transculturais, sendo um exemplo disso o estudo desenvolvido por Sircova et al. (2014).

Como verificado através da literatura existente, assim como pelos resultados apresentados neste capítulo, as características psicométricas do ZTPI, assim como a sua estrutura fatorial é bastante coesa, assim como similar à apresentada por Zimbardo e Boyd (1999), facto que não só deixa constância da qualidade da versão portuguesa do ZTPI, assim como também reforça a noção da sua equivalência com o inventário original.

Em termos das limitações do ZTPI, Ortuño e colaboradores (2013a) indicam que no estudo da temporalidade subjetiva deve ser considerada a dimensão negativa do futuro. Pois como referem Nuttin e Lens (1985), o futuro constitui o espaço motivacional preferencial do ser humano. Não obstante, as restantes dimensões temporais são também relevantes na compreensão humana, como já tem sido demonstrado empiricamente (Carelli, et al., 2011, Janeiro, Duarte, Araújo, & Gomes, 2017, Ortuño & Vásquez, 2013).

Esta proposta segue o paradigma proposto pelo próprio Lewin (1942), quando admite que a análise dos medos e receios daquilo que pode vir a acontecer, também pode abrir caminho a novas explicações acerca das cognições e comportamentos humanos.

Desta forma, é recomendável a criação ou utilização de uma subescala dedicada à mensuração do Futuro Negativo, como por exemplo a existente no Inventário de Perspetiva Temporal – IPT (Janeiro, 2012).

Os estudos a ser desenvolvidos no futuro deverão incluir amostras mais heterogéneas ao nível da idade, profissão e nível sociocultural. Grande parte dos estudos tanto a nível nacional como internacional têm sido levados a cabo com amostras compostas principalmente por estudantes universitários, o que não invalida os resultados até agora obtidos, mas certamente limita a possibilidade de generalizar estes resultados para a população-geral. De igual forma, é importante explorar os aspetos neuroanatômicos da PT, noutras palavras, quais as bases neuronais de cada uma das dimensões da PT, os padrões específicos de ativação neuronal atendendo ao perfil temporal do participante.

Outra das áreas que pode ser explorada com o ZTPI é a da avaliação psicológica através de novas tecnologias, como são o caso das tecnologias de realidade virtual, paradigma que esta a ganhar cada vez mais relevância.

E por último, como já tem sido demonstrado por diversos estudos, a perspetiva temporal – e por consequente o ZTPI – apresenta um grande potencial como um aspeto a ser considerado no desenvolvimento de campanhas de prevenção de comportamentos

disfuncionais (consumo excessivo de drogas, delinquência, desistência escolar), assim como em programas terapêuticos (Sword, Sword, Brunskill, & Zimbardo, 2014 cit. in Stolarski et al., 2015), mas que em termos práticos não esta a ser aproveitado.

## 8. Bibliografia

- Anagnostopoulos, F., & Griva, F. (2012). Exploring Time Perspective in greek young adults: Validation of the Zimbardo Time Perspective Inventory and relationships with mental health indicators. *Social Indicators Research, 106*(1), 41-59.
- Apostolidis, T., & Fieulaine, N. (2004). Validation française de l'échelle de temporalité The Zimbardo Time Perspective Inventory (ZTPI). *Revue européenne de psychologie appliquée, 54*(3), 207-217.
- Apostolidis, T., Fieulaine, N., Simonin, L., & Rolland, G. (2006). Cannabis use, time perspective and risk perception: Evidence of a moderating effect. *Psychology and Health, 21*, 571-592.
- Boniwell, I., & Zimbardo, P. G. (2004). Balancing One's Time Perspective in Pursuit of Optimal Functioning. In Linley, P. A. & Joseph, S. (Eds.), *Positive psychology in practice (165-178)*. Hoboken, NJ: Wiley.
- Carelli, M. G., Wiberg, B., & Wiberg, M. (2011). Development and Construct Validation of the Swedish Zimbardo Time Perspective Inventory. *European Journal of Psychological Assessment, 27*(4), 220-227.
- Cretu, R. Z. (2012). A Confirmatory Approach of the Structure of Zimbardo's Time Perspective Concept. *Cognitie, Creier, Comportament, XVI*(4), 481-494.
- Dias, M. (2009). *Em Busca do Tempo Construído: Contributos da Perspectiva Diacrónica*. Portugal: Editorial Novembro.
- Diaz-Morales, J. F. (2006). Estructura factorial y fiabilidad del Inventario de Perspectiva Temporal de Zimbardo. *Psicothema, 18*(3), 565-571.
- Dubois, F. S. (1954). The sense of time and its relation to psychiatric illness. *American Journal of Psychiatry, 111*, 46-51.
- Ferrari, J. R., & Diaz-Morales, J. F. (2007). Procrastination: Different time orientations reflect different motives. *Journal of Research in Personality, 41*, 707-714
- Hooper, D., Coughlan, J., & Mullen, M. R. (2008). Structural equation modelling: Guidelines for determining model fit. *The Electronic Journal of Business Research Methods, 6*(1), 53-60.
- Husman, J., & Shell, D. F. (2008). Beliefs and perceptions about the future: A measurement of future time perspective. *Learning and Individual Differences, 18*, 166-175.
- Janeiro, I. N., Duarte, A. M., Araújo, A. M., & Gomes, A. I. (2017). Time perspective, approaches to learning, and academic achievement in secondary students. *Learning and Individual Differences, 55*, 61-68.
- Janeiro, I. N. (2012). O Inventário de Perspectiva Temporal: Estudo de validação. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica, 34*, 117-133.
- Jesuino, J. C. (2002). *Psicologia*. Lisboa: Quimera.
- Kant, I. (1997). *Crítica da razão pura*. (A. Morão, Trad.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (Trabalho original publicado em 1781).
- Keough, K. A., Zimbardo, P. G., & Boyd, J. N. (1999). Who's Smoking, Drinking, and Using Drugs? Time Perspective as a Predictor of Substance Use. *Basic and Applied Psychology, 21*, 149-164.
- Lewin, K. (1942). Field theory of learning. *Yearbook of the National Society for the study of Education, 41*, 2, 215-242.
- Lewin, K. (1965). *Teoria de Campo em Ciência Social*. (C. M. Bori, Trad.). São Paulo: Livraria Pioneira Editora. (Trabalho original publicado em 1951).
- Liniauskaitė, A., & Kairys, A. (2009). The Lithuanian version of the Zimbardo Time Perspective Inventory (ZTPI). *Psichologija, 40*, 66-87.
- Marôco, J. (2010). *Análise de Equações Estruturais: Fundamentos teóricos, Software & Aplicações*. Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- Milfont, T. L., Andrade, T. L., Belo, R. P., & Pessoa, V. S. (2008). Testing Zimbardo time perspective inventory in a Brazilian sample. *Interamerican Journal of Psychology, 42*, 49-58.
- Nuttin, J., & Lens, W. (1985). *Future Time Perspective and Motivation: theory and research method*. Belgium: Leuven University Press.
- Ortuño, V. E., & Janeiro, I. N. (2009). Estudo comparativo de duas medidas de Perspectiva Temporal: IPT & ZTPI em foco. In B. Silva, L. Almeida, A. Lozano, & M. Uzquiano (Eds.). *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia (3770-3781)*. Braga: Universidade do Minho.

- Ortuño, V. E., & Janeiro, I. N. (2010). Análise das Diferenças na Perspectiva Temporal em Vários Grupos Etários através do IPT e do ZTPI. In C. Nogueira, I. Silva, L. Lima, A.T. Almeida, R. Cabecinhas, R. Gomes, C. Machado, A. Maia, A. Sampaio, & M.C. Taveira (Eds.). *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia (35-46)*. Braga: Universidade do Minho.
- Ortuño, V. E., & Vásquez, A. E. (2013). Time Perspective and Self-Esteem: Negative Temporality Affects the Way We Judge Ourselves. *Annales Universitatis Paedagogicae Cracoviensis. Studia Psychologica*, *VI*, 109-125.
- Ortuño, V. E., Gomes, C., Vásquez, A. E., Belo, P., Imaginário, S., Paixão, M. P., & Janeiro, I. N. (2013b). Satisfaction with life and college social integration: A Time Perspective multiple regression model. In J. da Silva, M. P. Paixão, V. Ortuño & P. Cordeiro (Eds.). *International Studies on Time Perspective (101-106)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. doi: 10.13140/RG.2.1.1602.0008
- Ortuño, V. E., Paixão, M. P., & Janeiro, I. (2011). Tempo e Universidade: A evolução da Perspectiva Temporal ao longo do percurso universitário. In L. Faria, A. Araújo, F. Morais, E. Sá, J. Pinto, & A. Silva (Eds.). *Carreira, Criatividade e Empreendedorismo (217-225)*. Braga: APDC Edições.
- Ortuño, V. E., Paixão, M. P., & Janeiro, I. N. (2013a). O tempo subjectivo como instrumento (des)adaptativo no processo desenvolvimental. *Análise Psicológica*, *2(XXXI)*, 159-169.
- Ortuño, V. E., & Gamboa, V. M. (2009). Estrutura factorial do Zimbardo Time Perspective Inventory – ZTPI numa amostra de estudantes universitários portugueses. *Avances en Psicología Latinoamericana*, *27(1)*, 21-32.
- Pais-Ribeiro, J., Pedro, L., & Marques, S. (2006). Contribuição para o estudo psicométrico e estrutural da escala de esperança (de futuro). In I. Leal, J. Pais-Ribeiro & S. Neves (Eds.). *Actas do 6º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde (75-81)*. Lisboa: ISPA.
- Peetsma, T. T. (2000). Future Time Perspective as a Predictor of School Investment. *Scandinavian Journal of Educational Research*, *44*, 177-192.
- Sircova, A., van de Vijver, F., Osin, E., Milfont, T. L., Fieulaine, N., Kislali-Erginbilgic, A., et al. (2014). A Global Look at Time: A 24-Country Study of the Equivalence of the Zimbardo Time Perspective Inventory. *Sage Open*, *4(1)*, 2158244013515686.
- Snyder, C. R., Harris, C., Anderson, J. R., Holleran, S. A., Irving, L. M., Sigmon, S. T. et al. (1991). The Will and the Ways: Development and Validation of an Individual-Differences Measure of Hope. *Journal of Personality and Social Psychology*, *60(4)*, 570-585.
- Stolarski, M., Bitner, J., & Zimbardo, P.G. (2011). Time perspective, emotional intelligence and discounting of delayed awards. *Time & Society*, *20(3)*, 346-363.
- Stolarski, M., Wiberg, B., & Osin, E. (2015). Assessing temporal harmony: The issue of a balanced time perspective. In M. Stolarski, N. Fieulaine, & W. van Beek (Eds.), *Time Perspective Theory, Review, Research and Application (57-71)*. Switzerland: Springer International Publishing. Sword, R. M., Sword, R. K., Brunskill, S. R., & Zimbardo, P. G. (2014). Time perspective therapy: A new time-based metaphor therapy for PTSD. *Journal of Loss and Trauma*, *19(3)*, 197-201.
- Zimbardo, P. G., Keough, K. A., & Boyd, J. N. (1997). Present time perspective as a predictor of risky driving. *Personality and Individual Differences*, *23*, 1007-1023.
- Zimbardo, P., & Boyd, J. (2008). *The time paradox: The new psychology of time that will change your life*. New York: Free Press.
- Zimbardo, P.G., & Boyd, J.N. (1999). Putting time in perspective: A valid, reliable individual differences metric. *Journal of Personality and Social Psychology*, *77*, 1271-1288.

## 9. Material

O material necessário para a aplicação da prova consiste em duas folhas A4, as quais contém as 56 perguntas do inventário assim como as instruções de preenchimento para os participantes. Relativamente à cotação dos resultados, existe um manual com as instruções de cotação.

## 10. Edição e distribuição

O ZTPI poderá ser obtido para fins de investigação e/ou clínicos após contacto dirigido ao primeiro autor.

## 11. Contacto com os autores

**Victor E. C. Ortuño**, victortuno@gmail.com

Facultad de Psicología de la Universidad de la República (Uruguay) e Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

## ANEXO

**Inventário de Perspetiva Temporal de Zimbardo – IPTZ (versão reduzida)**  
(Zimbardo & Boyd, 1999; tradução de Ortuño & Gamboa, 2009)

Leia cada afirmação e responda o mais sinceramente possível à pergunta: Em que medida esta afirmação é verdadeira para si. Para cada item assinale de acordo com a escala. Por favor responda a **TODAS** as questões.

1 = Nada; 2= Pouco; 3= Nem muito nem pouco; 4 = Muito; 5= Totalmente		1	2	3	4	5
1.	Dá-me prazer pensar sobre o meu passado.					
2.	Faço coisas impulsivamente.					
3.	Fazendo um balanço, há mais memórias boas do que más para recordar no meu passado.					
4.	Cumprir os prazos para amanhã e fazer qualquer outro trabalho necessário vem primeiro do que a diversão de hoje à noite.					
5.	Não importa realmente aquilo que eu faça, uma vez que o que tiver de ser, será.					
6.	Continuo a reviver no meu pensamento as experiências dolorosas do passado.					
7.	Penso frequentemente em memórias felizes de bons tempos.					
8.	Cumpro a tempo as minhas obrigações relativamente a amigos e instituições.					
9.	No passado, tive a minha dose de maus-tratos e rejeição.					
10.	Tomo as minhas decisões de acordo com a inspiração do momento.					
11.	O passado traz-me demasiadas más memórias, nas quais eu prefiro não pensar.					
12.	Cometi erros no passado que desejava poder desfazer.					
13.	É difícil para mim esquecer imagens desagradáveis da minha juventude.					
14.	Se tenho que pensar nos objetivos, resultados e produtos das minhas atividades, isso tira-me o prazer e estraga o decorrer do processo.					
15.	Mesmo quando estou a gostar do presente, sinto-me impelido a fazer comparações com experiências passadas semelhantes.					
16.	Não se consegue fazer planos para o futuro porque as coisas mudam demasiado.					
17.	O meu percurso de vida é controlado por forças sobre as quais eu não tenho influência.					
18.	Não faz sentido preocupar-me com o futuro, uma vez que não há nada que eu possa fazer acerca dele.					
19.	Completo projectos dentro do prazo concretizando etapa a etapa.					
20.	Frequentemente sigo mais o meu coração do que a minha cabeça.					
21.	Consigo resistir a tentações quando sei que há trabalho que precisa ser feito.					
22.	Deixo-me levar pela emoção do momento.					
23.	Penso acerca das coisas más que me aconteceram no passado.					
24.	Continuo a trabalhar nas tarefas difíceis e desinteressantes se estas me ajudarem a progredir.					
25.	Penso acerca das coisas boas que eu perdi ao longo da minha vida.					